



**“O 25 de Abril não é só um movimento e uma marca ligada à esquerda. Tem muito a ver com uma simbologia específica do que foi a libertação de Portugal de uma mordação que foi a ditadura”,
Carlos Silva, Secretário-Geral da UGT**



“Todos os dias devem ser de exaltação ao espírito que presidiu ao 25 de Abril”



Entrevista com Carlos Silva, Secretário-Geral da UGT



Carlos Silva, Secretário-Geral da UGT

Estamos numa das mais icónicas instituições do movimento sindicalista português numa altura em que se aproxima o 25 de Abril, um marco da agenda nacional nesta matéria... Pergunto-lhe se comunga da ideia de que o país terá esquecido os princípios que nortearam a revolução portuguesa...

Penso que não... Pelo menos da parte da UGT e naquilo que me diz respeito não esqueceu. Ainda hoje tivemos executivo e decidimos que iremos participar no desfile tradicional promovido pela Associação 25 de Abril que, como é sabido, congrega no seu seio muitas instituições e organizações cívicas, políticas e sociais. É verdade que a sua esmagadora maioria está muito conotada com a esquerda, mas convém realçar que o 25 de Abril não é só um movimento e uma marca ligada à esquerda. Tem muito a ver com uma simbologia específica do que foi a libertação de Portugal de uma mordacra. Portanto, o 25 de Abril é uma marca que deve ser comemorada com respeito, exaltação

e elevação patriótica, porque ainda continua a representar um conjunto de valores e princípios. É certo que às vezes parecem esquecidos, o que muito se deve aos constrangimentos que o país tem vivido e aos sobressaltos dos últimos anos. A sua questão tem-me sido colocada por muitos cidadãos, nomeadamente quando me desloco a empresas e falo com trabalhadores. A nossa intenção é cada vez que há esta data, estarmos na rua a comemorá-la, mas todos os dias devem ser de exaltação ao espírito que presidiu ao 25 de Abril. Todos os dias é necessário lutar por direitos, lembrar que as pessoas têm deveres e direitos e que muitos deles foram construídos com a Constituição da República de 1976, que se foi aprofundando e, às vezes, parece estar esquecida. Como nos últimos anos em que, na realidade, se violentaram princípios constitucionais. Felizmente, temos conseguido ultrapassar esses dias e, na verdade, o 25 de Abril é um dia com muita esperança à mistura e a UGT continuará a bater-se para que aquilo que levou militares e uma geração de combate a lutar, continue a ser a molha condutora daquelas que devem ser as políticas democráticas de Portugal.

Em que medida poderiam estes tempos de constrangimentos e de sucessivos cortes constituir uma janela de oportunidade para que o povo se reunisse em torno destes valores e princípios que sustentaram a nossa sociedade no pós-25 de Abril?

Talvez sejamos demasiado utópicos quando pensamos nas questões que essa pergunta tem por detrás... A verdade é que os constrangimentos criaram temendas amarguras e uma enorme desesperança a milhões de portugueses. É, naturalmente, pergunta-se: foi para isto que foi feito o 25 de Abril? Não tínhamos nós quase garantido um acervo de direitos que conquistámos ao longo dos últimos 40 anos? O aprofundamento da Segurança Social, a criação da concertação social, a existência de um conjunto de partidos políticos com mensagens diferentes mas todos com um apego profundo à liberdade e à Democracia... Isso traz, naturalmente, dúvidas e perguntas mas julgo que os portugueses, de uma forma geral, têm, hoje uma sociedade, 42 anos depois do 25 de Abril, claramente mais moderna. Quando olhamos para os números da illiteracia, para a educação,

para a saúde ou para as Forças Armadas, percebemos que o país evoluiu imenso. Antes do 25 de Abril, tinha eu 12 anos e, só o facto de perceber que havia uma geração ilibada de ir para o Ultra Mar para uma guerra injusta, foi um grande valor acrescentado... Mas todas as evoluções, desde a integração de Portugal na União Europeia, levam a que olhemos para trás com regozijo e que possamos olhar para a frente alicergando este futuro naquilo que se foi construindo nos últimos anos. Independentemente dos constrangimentos, que foram sobretudo de ordem financeira e económica mas também à mistura com actuações dolosas de alguns políticos, com erros tremendos até de corrupção de cargos políticos e públicos, os portugueses têm sabido reagir, às vezes de uma forma até demasiado complacente, tal como a justiça que deveria ser mais célere. Activa de tudo, quando falamos na palavra esperança, temos que olhar para o futuro com um sentido positivo. E acho que devemos aproveitar o 25 de Abril para irmos para a rua enaltecer o melhor que este dia nos deu: liberdade de expressão, um jornalismo livre, um mundo mais aberto da imprensa e um país, que até na investigação jornalística, em conjunto com mais de 100 jornalistas de todo o mundo, consegue descobrir realidades tão tenebrosas como esta questão dos papéis do Panamá. Em suma, olhando para trás, o saldo é claramente positivo e temos a oportunidade de nos redirmos em algumas questões quando olhamos para o futuro. Creio que o país, de uma forma extraordinária, conseguiu em Novembro desatar um nó górdio de levar a esquerda ao poder depois de 41 anos de Democracia... E está a ser algo que continua a deixar muitos, como eu, atónitos. Se, finalmente, conseguirmos em Democracia trazer uma determinada esquerda para a co-responsabilização no exercício do poder, nem tudo é mau no nosso país. E se há algo de que nos podemos orgulhar é que o 25 de Abril não é de ninguém em particular. É de todos.

Fala num futuro positivo, marcado pela esperança... Que papel poderá e deverá desempenhar o movimento sindical nesse mesmo futuro?

Os sindicatos, contrariamente ao que muitos pensam, são organizações colectivas que apenas desejam ter mais força para reivindicarem

uma determinada posição. Um trabalhador numa empresa ou na administração pública, sozinho, tem a força que tem, ou seja, é praticamente equivalente a zero; se os trabalhadores estiverem unidos dentro de uma organização, seja para fazer lobby, para defender direitos ou construir, terão naturalmente mais força. É dentro do princípio de que “a união faz a força” que o movimento sindical assenta a sua génese. Mas, para fazermos todos força para o mesmo lado, dentro do movimento sindical, é preciso sermos solidários e generosos e, por vezes, criasse a imagem no nosso país de que existem dias centrais sindicais que estão de costas voltadas, o que não corresponde à verdade. Os objectivos são comuns e a diferença é a mesma que existe nos partidos políticos e reside na forma que preconizamos para alcançar esses objectivos. Nem sempre estamos de acordo mas existe convergência em muitas posições. Mas há uma conquista do movimento sindical – e a UGT pode orgulhar-se disso em particular – que, em 1986, apostou fortemente no aprofundamento do diálogo social em Portugal, quando conseguiu trazer para cá as regras da OIT. Esta sempre apostou no Tripartismo – Governo, empregadores e trabalhadores – e nós temos a concertação social. E, 30 anos depois da sua constituição em Portugal, vemos que existem algumas forças e tendência para levar para o Parlamento um conjunto de matérias que vinham a ser discutidas em concertação. E a própria CGTP e os partidos mais à esquerda que sustentam o actual Governo no Parlamento têm feito alguma força, o que é notório com projectos lei do Bloco de Esquerda e as Jornadas Parlamentares do PCP, para que algumas questões sejam discutidas e aprovadas no Parlamento... E a pergunta que fazemos é: hoje, em Democracia, a concertação social, a CGTP e os partidos à esquerda querem levar o assunto para o Parlamento... e no dia em que o Governo mudar? E se tivermos novamente a direita no poder? Já vamos discutir o assunto na concertação porque não temos maioria no Parlamento? A UGT, naturalmente, compreende, sem demagogia, que existem questões que os empresários gostariam de ver discutidas na concertação para não acordarem nada. Temos reivindicado a questão dos 25 dias de férias, as 35 horas semanais de trabalho na administração pública ou no sector privado, em particular o reforço da negociação colectiva

mas, depois, também somos confrontados por muitos milhares de empresas que não querem nenhuma negociação coletiva, que levam a caducidade das convenções até à última consequência para sermos todos remetidos para o Código do Trabalho... Portanto, olhemos para isto com um misto de alguma indignação porque somos defensores da concertação social mas achamos que os patrões, também sendo defensores da concertação, depois não querem chegar a determinado tipo de acordos. A UGT não subscrive a demagogia e algum populismo que alguns partidos à esquerda no Parlamento têm mas, no dia em que conseguirem no Parlamento o que não se consegue com o diálogo social entre parceiros e governo, acabou a concertação social em Portugal.

Parece mais um exemplo de desrespeito pelos movimentos de massas em Portugal... Estará a limitar-se o sindicalismo, o associativismo, a representação das pessoas e a expressão das suas vontades?

Estamos num momento de alguma confusão. É legítimo que o cidadão, trabalhador ou reformado, que acreditava que os sindicatos eram uma força de poder, de bloqueio, que faziam parar um sector, ou o próprio país, e eram, acima de tudo, um garante da manutenção dos direitos, perante o que aconteceu nos últimos quatro anos, em que muitos dos direitos conquistados em 40 anos de Democracia foram para o lixo por imposição do Governo e de um conjunto de entidades estrangeiras, descredibilizadas. E hoje assistimos, por razões económicas, à descença na força do movimento sindical que não foi capaz de se opor de uma forma assertiva e mais musculada em relação a esta desagradada austeridade. O problema é o que está por detrás... A austeridade veio porque o país, à beira da banca rota, teve que andar de mão estendida a pedir dinheiro emprestado para financiar a economia. E a única forma de pagarmos os salários de 600 mil funcionários públicos e de aguentar o país foi pedir dinheiro em condições draconianas. A própria UGT, em 2012, perante a não estendida e a imposição da assinatura de um acordo para que houvesse dinheiro, comprometeu-se com os parceiros sociais empresariais, os partidos da maioria e o próprio PS e o Governo e negociou, num acordo de concertação social, a minimização dos danos que aquele memorando trazia. Daquelas 200 medidas, muitas foram minimizadas. Não conseguimos minimizar tudo mas a verdade é que se fosse para ficar tudo como estava não haveria empréstimo... E o que sucederia? No final, embora com muitas perdas para os trabalhadores, acabámos por honrar os nossos compromissos e temos vindo a pagar o que nos emprestaram... Lamento que o país tenha sido obrigado a bater à porta de credores internacionais, que nos colocaram condições e que, com isso, tenhamos violentado os nossos direitos, a nossa forma de viver, a nossa evolução na félicidade e qualidade de vida, assistindo à emigração forçada, à destruição de milhares de

empresas, ao corte nas pensões e nos salários da função pública, ao aumento de impostos e a uma carga fiscal colossal, para além da perda de direitos de que fomos vítimas.

Não falará também alguma modernização do movimento sindical em Portugal?

O movimento sindical em Portugal acompanha os ventos europeus. É o movimento sindical mais moderno que existe no mundo...

Mas perdeu uma quantidade significativa de sindicalistas e de associados...

É verdade, tal como existe muito mais trabalho precário e instabilidade instalada nas famílias. Olhe para o sector financeiro, que com esta reestruturação tremenda, originou que tenhamos perdido milhares de postos de trabalho e, consequentemente, de filiados. A administração pública, com este decréscimo forçado, é outro exemplo. A tentativa de privatizar um conjunto de sectores, nomeadamente o dos transportes, que a par da administração pública, constituem o grande peso do movimento sindical, também originou a perda de muitos filiados. E, se olharmos para o sector do operariado ao longo dos últimos 30 anos, onde encontramos a Sorefame? E a Siderurgia Nacional? Onde está a tradição industrial do país? Estes eram fortes factores de sindicalização... Hoje, estamos na orla dos 20 por cento de sindicalizados, tendo consciência de que a tendência é para manter algum nível de sindicalização, porque as pessoas chegaram a um ponto em que questionam o porquê de se sindicalizarem, quando os direitos que são negociados e conseguidos também os poderão beneficiar mesmo sem serem sindicalizados. Além disso, as pessoas que ganham pouco, num momento de crise, decidem poupar, entre outros domínios, na quota sindical. Ora, aí está um grande desafio para o movimento sindical. O sector sindical português não tem ajudas do Estado como sucedia com o espanhol, ou o francês. Vivemos das quotas dos sindicatos, como estes vivem das contribuições dos seus associados. Para irem ao encontro dos trabalhadores, têm que perceber que existem hoje muitos trabalhadores em regimes precários. E a UGT e os sindicatos desenvolvem um esforço sem tréguas para combater essa precariedade. Nomeadamente, exigindo que as empresas que recebem apoios do Estado não possam ter postos de trabalho precários e busquem trabalho barato recorrendo a grande rotatividade de trabalhadores oriundos da formação profissional e dos estágios profissionais patrocinados pelo IEFP. Apesar desta nuvem negra que paira sobre o mundo do trabalho, os trabalhadores vão ganhando consciência que a sua força e a sua resistência residem na forma como se souberem organizar. Hoje, como em muitos outros momentos de crises económicas e sociais, as organizações sindicais saberão resistir porque nelas reside a solidariedade, a fraternidade e a capacidade de lutar por mais e melhores direitos e pela justiça social. Em unidade e em coesão pela sua enorme e incomparável força colectiva.

UGT PORTUGAL
CRESCIMENTO E EMPREGO

1º MAIO VISEU

PAVILHÃO MULTIUSOS
ABERTURA: 10:00

ANIMAÇÃO CULTURAL

HI-FI

JUSTIÇA SOCIAL
DIREITO AO TRABALHO DIGNO
DIREITO À SAÚDE
DIREITO À SEGURANÇA SOCIAL

INÍCIO 10H00 | TODO EVENTO
INSUFICIÊNCIAS E TRAMPOLIM DE SALTOS
XII JORNADA DO TORNEIO INTERNO DO CX UGT VISEU
PINTURAS ARTÍSTICAS AO VIVO SOBRE O 1º DE MAIO
TABULEIRO GIGANTE DE XADREZ ESPONTÂNEO
ENSINO LIVRE DE XADREZ

- 10H30 | ARRUADA DE BOMBOS E TAMBORES**
ZÉ'S PEREIRAS DE TEIVAS "OS PARENTES"
- 11H30 | ARRUADA DE GAITA DE FOLES**
GRUPO FEMININO "GIRÁFOLES"
- 12H00 | ALMOÇO DA RESPONSABILIDADE DAS ORGANIZAÇÕES SINDICAIS**
- 14H00 | TUNA DA ESCOLA PROFISSIONAL AGOSTINHO ROSEIA**
PÓLO DO GRÃO
- 14H30 | CORO MOZART**
INTERVENÇÃO SINDICAL
- 15H15 | LUCINDA DÂMASO, PRESIDENTE DA UGT**
CARLOS SILVA, SECRETÁRIO GERAL DA UGT
- 16H00 | HI-FI ENERGY MUSIC VISEU**
- 17H00 | ENCERRAMENTO**